

## AMADEU AMARAL: UM LINGUISTA FOLK

### AMADEU AMARAL: A FOLK LINGUIST

Maria José Basso Marques<sup>1</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso

**Resumo:** Este artigo objetiva, por meio de levantamento bibliográfico sobre a Linguística Popular (*Folk*) (PAVEAU, 2018, [2019]), compreender esse novo campo do conhecimento e fazer algumas reflexões sobre o livro *O Dialecto Caipira* de Amadeu Amaral (1920), produção de um escritor não linguista cuja obra descreve o dialeto do Brasil revelando um estágio de evolução da Língua Portuguesa em seis (06) cidades de São Paulo: Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos, onde fez suas observações e de onde se originavam seus poucos informantes. Após as leituras e análises realizadas entendemos que, na escala de domínios de saberes espontâneos sobre a língua, proposto por Marie Anne Paveau (2018), há um lugar como linguista *folk* para escritores dotados de um saber linguístico e metalinguístico que fazem uma descrição sobre a língua. É nessa perspectiva que refletimos sobre o escritor Amadeu Amaral quanto à produção do livro *O Dialecto Caipira*.

**Palavras-chave:** Linguística *folk*; Amadeu Amaral; Dialeto Caipira.

**Abstract:** This paper aims, through a bibliographic survey on Popular Linguistics (*Folk*) (PAVEAU, 2018, [2019]), to understand this new field of knowledge and to make some reflections on the work *O Dialecto Caipira* by Amadeu Amaral (1920), production by a non-linguist writer whose work describes the dialect of Brazil revealing a stage of evolution of the Portuguese language in six (06) cities in São Paulo: Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba and São Carlos, where he made his observations and where its few informants originated. After the readings and analyzes carried out, we understand that, on the scale of spontaneous knowledge domains about language, proposed by Marie Anne Paveau (2018), there is a place as a folk linguist for writers endowed with linguistic and plurilingual knowledge who make a description about the tongue. It is in this perspective that we reflect on the writer Amadeu Amaral regarding the production of the book *O Dialecto Caipira*.

**Keywords:** Folk linguistics; Amadeu Amaral; Caipira Dialect.

### Introdução

No início do século XX, havia uma grande discussão sobre a constituição da nação brasileira em todos os âmbitos, político, econômico e cultural os quais, conseqüentemente, afetavam os estudos sobre a língua. A busca por uma espécie de

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Estudos de Linguagem na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Docente da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso. E mail: marialider@gmail.com.

descolonização linguística apontava para uma defesa de que o Brasil possui sua língua, uma língua que foi herdada de Portugal, mas que apresenta características distintas. (SCHNEIDERS, 2017). Segundo Altman (2020)<sup>2</sup>, nesse período irrompe no Brasil uma necessidade de registrar o vernáculo como era falado e valorizá-lo.

A língua portuguesa falada aparece como língua brasileira não só na revista do Brasil, mas na edição da obra *O Dialecto Caipira* de Amadeu Amaral (1920) como um movimento de autoafirmação nacional, ou seja, era preciso olhar para o homem que fala a língua do Brasil. A ideia era eliminar a influência do estrangeiro e o Brasil mostrar a própria voz. Para Amaral (1920), tratava-se de registrar um estágio de evolução da língua portuguesa.

O que Amaral (1920) mostrava era o que a Linguística Histórica Comparativa daquele século tratava, ou seja, a língua portuguesa é apenas um estágio e passa a ser vista como mudança e não como erro ou defeituosa. Ele reconhece que a língua evolui e muda, por isso descreve a fonética, a morfologia e a sintaxe além do léxico. (ALTMAN, 2020).

Segundo a autora, Amaral comenta em sua obra que o português caipira iria se tornar uma língua brasileira e por isso deveria ser registrada em todas as suas manifestações. Essa era uma das convicções de Amadeu Amaral, que viveu e pensou o Brasil nas primeiras décadas do século XX.

No entanto, sofreu críticas dos escritores formados em Letras e tinham o domínio da Dialectologia e Geografia linguística europeia, das décadas 1930 a 1940, primeiro período dialetológico do Brasil e, nessa fase, privilegiava-se o vocabulário.

Esses estudiosos avaliaram a obra de Amaral criticando a falta de critérios fidedignos de demarcação geográfica. Outra crítica sobre a obra refere-se à ausência de qualquer tipo de transcrição fonética, mencionada por Mattoso Câmara Junior. Enfim, reduziram a obra de Amaral a um simples levantamento do léxico.

Em contrapartida, a partir dos anos de 1970, já na fala de linguistas profissionais, ou seja, diplomados em Letras/Linguística reconheceu-se a produção de Amaral como um trabalho bem feito e com à época, início do século XX, modernos métodos de análise linguística.

---

<sup>2</sup>ALTMAN, Cristina. 2020. *Um século de publicação d'O Dialecto Caipira de Amadeu Amaral: história, memória e resistência nos estudos da linguagem brasileiros*. Discurso para a Live Edufscar. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8um0cX4y4RY&t=12471s>> Acesso em 07 nov. 2020.

A natureza desses saberes ditos não científicos é reconhecida, mais tarde, início do século XXI, pela Linguística Popular (*folk*) como práticas linguísticas profanas, sendo um campo de investigação rico que se abriu para os linguistas que se preocupam com as produções representativas dos falantes. (PAVEAU, 2018).

O que nos chamou a atenção durante os estudos<sup>3</sup> de Linguística Popular (*folk*) foi a menção a Amadeu Amaral como exemplo de um não linguista e o fato de, mesmo não sendo um gramático, um dialetólogo ou um linguista com formação acadêmica, Amaral demonstrava uma fina percepção do português brasileiro e do português de Portugal. Assim, pensamos como proposta deste artigo conhecer um pouco mais sobre esse novo campo de investigação, Linguística Popular (PAVEAU, 2018), bem como sobre a obra *O Dialecto Caipira* de Amadeu Amaral (1920), por meio do levantamento bibliográfico e epistemológico sobre o assunto.

## 1. A linguística popular e os não linguistas

A linguística popular, cunhada por Paveau (2018) como Linguística *Folk* é caracterizada pelo saber espontâneo construído sobre a linguagem produzida pelos mais diversos atores sociais, que não estão, necessariamente, fundamentados em uma teoria da linguagem, “que se diferencia do saber acadêmico ou científico, da mesma forma que o saber prático se distingue do teórico” (BAYLE, PAVEAU, p. 4260, 2019).

Surgiu nos anos de 1960 pelos trabalhos de Hoenigswald (1966) e requisitava a necessidade do reconhecimento dos saberes espontâneos na constituição de toda a ciência. Esse movimento tornou-se mais robusto nos anos 2000 com a obra dos norte-americanos N. Niedzielski e D. Preston que enfatizavam a importância dos saberes populares para a constituição dos saberes científicos. (BAYLE, PAVEAU, 2019).

O campo de investigação da Linguística Popular inclui um conjunto de práticas linguísticas que compartilha o mesmo domínio, como “*profanas*, isto é, que não vêm de representantes da linguística, como uma disciplina estabelecida, denominados como os não-linguistas por N. Niedzielski e D. Preston (2003[2000])”, ou práticas espontâneas, selvagens, ingênuas, leigas. (BAYLE, PAVEAU, p. 23, 2019).

---

<sup>3</sup>Este artigo foi inspirado pelo conteúdo da disciplina de Linguística Popular ministrada pelo professor Roberto Leiser Baronas no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso.

Segundo Paveau (2018) para a Linguística *Folk* a questão da identidade ou identificação dos não linguistas é uma tarefa difícil, uma vez que não há um critério documental para lidar com isso, além disso há julgamentos referente ao seu cargo ou função ou se é apenas um falante comum.

Para evitar o complexo binarismo cartesiano (linguista *versus* não linguistas) a autora prefere identificar, de forma escalar, quatro tipos de práticas linguísticas: (i) Descrições, (ii). Prescrições, (iii). Intervenções. (iv) militantes. E para identificá-las quanto aos lugares sociais em que se manifestam, propõe uma classificação, um *continuum*, quanto ao domínio de um saber linguístico especializado por ordem decrescente que vai desde o linguista profissional ao falante comum, os quais serão resumidamente apresentados a seguir:

- a) Linguistas profissionais: fornecem descrições linguísticas.
- b) Cientistas não linguistas (historiador-linguista): propõem descrições linguísticas.
- c) Linguistas amadores: fornecem descrições e prescrições.
- d) Logófilos, glossomaníacos: empreendem intervenções na língua, ou por intervenção ou por deformação.
- e) Preparadores-revisores-redatores: sugerem descrições e prescrições incluindo correções.
- f) Escritores, ensaístas: ensaiam práticas linguísticas descritivas e prescritiva.
- g) Ludolinguistas (humoristas, imitadores, autores de histórias bobas, autores de jogos sobre as palavras: fazem descrições – interpretações linguísticas.
- h) Falantes engajados, militantes ou apaixonados, juristas em suas práticas textuais e orais: centrados na descrição e na intervenção.
- i) Falantes comuns: misturam os três tipos de práticas.

Essa categorização foi elaborada a partir de trabalhos existentes sobre a Linguística *Folk*, porém essa “classificação não é estanque, mas sim porosa, podendo um mesmo falante deslizar de uma posição para outra”. (BORNEMANN; COX, p. 4274, 2019).

Tal escala nos leva a refletir que Amadeu Amaral, mesmo não tendo uma identificação de linguista diplomado, estaria, na classificação de Paveau (2018), no domínio de um linguista *folk*, pois seu trabalho forneceu descrições linguísticas sobre o dialeto caipira apresentando um exame acurado da variedade em questão.

### 1.1. Esclarecendo um pouco mais: quem são os linguistas afinal?

Paveau (2018) apresenta que a definição de linguista, para o Comitê Nacional Francês, é feita de modo relativamente fácil a qual é justificada pela existência de cursos, diplomas e especialidades universitárias.

Além desse conceito, buscamos, também, averiguar a concepção de linguista em alguns dicionários e encontramos as seguintes acepções semânticas do item linguista, a saber:

Quadro 1-Acepções semânticas do item Linguista

(MICHAELIS Digital, 2015).	(HOUAISS, 2011, p. 589).	(BORBA, 2002, p. 962).	(CASTELEIRO, 2001, p. 2276).
“Diz-se de ou pessoa versada no estudo de línguas ou da linguística”.	“Linguista é especialista em linguística”	“Linguista especialista em estudo das línguas ou em linguística”	“Pessoa que se dedica ao estudo científico das línguas, à linguística”

Fonte: Elaborada pela autora

Como fica claro, as acepções mencionadas situam o linguista como aquele que estuda a língua ou se dedica a área da linguística. Assim, para o termo linguística, trouxemos dois conceitos dicionarizados. Houaiss (2011, p. 589) conceitua a linguística como “a ciência que estuda a linguagem humana, a estrutura das línguas e sua origem, desenvolvimento e evolução”. E, em Michaelis Digital (2015),

É o estudo científico da linguagem humana em sua totalidade, em sua realidade multiforme e em suas numerosas relações, que se fundamenta na observação direta e se abstém de toda e qualquer prescrição, pois não é normativo. Como a linguagem se manifesta em línguas, a linguística interessa-se por todas as línguas, em todos os seus níveis e modalidades.

De acordo com as informações constantes nos dicionários mencionados sobre o linguista e linguística compreende-se que um linguista é o cientista que se dedica aos estudos a respeito da língua, fala e linguagem, no entanto é o documento institucional, oficial que o reconhece como tal. Já a linguística é a área do estudo científico da linguagem verbal humana com base em observações e teorias que possibilitam a

compreensão da evolução das línguas. E como fica Amadeu Amaral nessa história? É um escritor *folk*? É um dialetólogo-linguista?

## 2. Amadeu Amaral: o dialetólogo

Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado não concluiu o curso secundário, ingressou no jornalismo trabalhando no Correio Paulistano e em O Estado de S. Paulo. Foi o segundo ocupante da Cadeira 15 na Academia Brasileira de Letras, eleito em 1919, na sucessão de Olavo Bilac. Surpreendeu a todos por sua extraordinária erudição, num tempo em que não havia, em São Paulo, as universidades e cursos especializados. Dedicou-se aos estudos folclóricos e à dialetologia. No Brasil, foi o primeiro a estudar cientificamente um dialeto regional, o “Dialeto caipira”.<sup>4</sup>

A pesquisa de Amadeu Amaral, que levou à publicação em 1920, o livro *O Dialecto Caipira*, nas palavras de Vanderci Sant’Ana Castro (2020)<sup>5</sup>, abriu caminho para os estudos dialetológicos no Brasil. Para Cardoso (2010), o texto de Amaral inaugura a segunda fase da produção geolinguística no Brasil, “A primeira fase recobre um século e estende-se de 1826 a 1920. Data da publicação de *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral”. (CARDOSO, 2010, p.132). As produções dessa fase, segundo a autora, direcionam-se para o estudo do léxico e de suas especificidades no português do Brasil, como dicionários, vocabulários e léxicos regionais.

A segunda fase inicia-se com a publicação de *O Dialeto caipira* de Amadeu Amaral e se estende até 1952, época em que os pesquisadores começam a desenvolver trabalhos mais sistematizados, utilizando o método da geolinguística. Esse período é marcado por trabalhos voltados para a observação de uma área determinada, descrevendo fenômenos nos diversos aspectos da língua, semântico-lexical, fonético-fonológico e morfossintático.

A terceira fase tem como marco um ato do governo brasileiro, o decreto 30.643, de 20 de março de 1952 que, ao definir as finalidades da Comissão de Filologia da Casa

---

<sup>4</sup>Os dados biográficos foram retirados da página Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/amadeu-amaral/biografia> > Acesso em: 02 nov. 2020.

<sup>5</sup>CASTRO, Vanderci Sant’Ana. *Um século de publicação d’O Dialeto Caipira de Amadeu Amaral: história, memória e resistência nos estudos da linguagem brasileiros*. Discurso para a Live Edufscar Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8um0cX4y4RY&t=12471s>> Acesso em 07 nov. 2020.

Rui Barbosa, assentava como a principal delas a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. (CARDOSO, 2010).

A partir dessa última fase e durante décadas, desenhou-se a ideia de registrar a variação dialetológica no espaço brasileiro. Nesse ponto é importante ressaltar que os estudos dialetológicos no Brasil já haviam iniciado com o trabalho de Amaral (1920), pois estudando uma área de São Paulo, aquela identificada como a do falar caipira, já havia fornecido, “aos que a ele sucederiam no tempo e no campo da investigação dialetal, a fundamentação para um trabalho sério”. (CARDOSO, 2010, p. 135).

Dessa forma, compreendemos que essa foi uma obra pioneira e importante feita há um século que aborda uma questão linguística brasileira podendo ser analisada dialetologicamente bem como linguisticamente.

### 3. A obra: O Dialeto Caipira

Publicado em 1920, O Dialecto Caipira nasceu da observação natural das diferenças linguísticas no falar que o cercava. Narra o próprio autor na introdução de seu livro,

É de todos sabido que o nosso falar *caipira* – bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível – dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência à própria minoria culta”. (AMARAL, 1920, p. 11).

Segundo Castro (2020), Amaral registra em seu livro que até o século XIX, tivemos um vocabulário bem provinciano falado pela maioria da população de São Paulo e estendendo à minoria culta. Com o advento de vários fatores que alteraram o meio social, como: a libertação dos escravos, o crescimento populacional, a migração interna, a imigração, a ampliação das vias de comunicação, a intensificação do comércio e o incremento da educação, “os genuínos *caipiras*, roceiros, ignorantes e atrasados” (AMARAL, 1920, p.12), vão perdendo seu espaço de influência. “Era impossível que o dialecto caipira deixasse de sofrer com tão grandes alterações do meio social” (AMARAL, 1920), p.12. Dessa forma, encontra-se o falar caipira isolado à margem do progresso subsistindo na boca de pessoas idosas pelos arredores do estado lutando com outras tendências criadas com as novas condições.

Embora Amaral não tenha registrado no livro a área delimitada para a pesquisa, mais tarde descobre-se por estudos<sup>6</sup> realizados sobre o dialeto caipira que se refere as cidades de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos, onde fez suas observações e de onde se originavam seus poucos informantes.

A obra empreende uma metodologia orientada por princípios rigorosos que o estudioso considerou indispensáveis na investigação dialetológica e que conferiram confiabilidade à sua descrição, como por exemplo: observação direta da fala espontânea, clareza, objetividade e precisão nas apresentações dos dados, observação sobre a frequência e alcance do uso em questão, identificação das variantes, cuidados nas descrições das pronúncias regionais, embora não tenha utilizado a transcrição fonética (CASTRO, 2020).

Amadeu deixa claro que apesar de não ser um estudioso da língua, seu objetivo era descrever o falar caipira em seus diferentes aspectos: fonético-fonológico, semântico-lexical, morfológico e sintático visando assim um registro de um falar brasileiro.

Sobre a descrição de não ser um linguista, bem como o fato de Amaral não ter utilizado os aparatos tecnológicos que, hoje, auxiliam na pesquisa dialetológica, Araújo (2017) o descreve assim,

Era um autodidata e desenvolveu seu estudo sem o respaldo de centro universitário de pesquisa em São Paulo, ainda não implementado na época. Além disso, não podia contar com um instrumento de pesquisa, pela falta de invenção, que praticamente revolucionou o modo de produção das pesquisas científicas linguísticas, sobretudo as que lidavam e lidam com os aspectos fonológicos das línguas, a partir dos anos de 1950: trata-se dos gravadores de áudio. (ARAÚJO, 2017, p.298).

De fato, à época, não eram de fácil acesso esses aparatos, reiterando novamente o trabalho linguístico empenhado por Amaral frente a tantas dificuldades. Todavia, encontra-se em seu estudo, no nível segmental, questões de prosódia quando relata que no falar caipira, diferentemente da pronúncia portuguesa, o frasear é lento com maior duração nas vogais e com mais pausa na realização do grupo de palavras. (AMARAL, 1920).

Na descrição dos segmentos, Amaral aponta as peculiaridades do dialeto considerando o tipo de vogais e consoantes, e a distribuição dos fonemas, por exemplo: *r* retroflexo, descrito como linguopalatal e guturalizado atestado na posição

---

<sup>6</sup> (CASTRO, 2006, p. 1938).

intervocálica (arara), e na posição pós-vocálico (carta). O cuidado com o que o autor faz a descrição da pronúncia está na passagem em que menciona a articulação da pronúncia para o /r/ caipira. “Para o ouvido, este *r* caipira assemelha-se bastante ao *r* inglês post-vocálico”. (AMARAL, 1920, p. 21).

Sobre a descrição da realização das africadas [tʃ] e [dʒ] – [tʃ]ave para *chave* e [dʒ]ente para *gente* e a manutenção de /e/ e /o/ átonos finais, como em *polvo* e *este*, apresentam-se diferentemente do que se observa em outras regiões do país em que essas vogais são elevadas realizando-se como [i] e [u]. (CASTRO, 2000).

Outros processos fonéticos-fonológicos também foram levantados por Amaral, a saber: abrandamento: (i) cuspe > (g)uspe, (ii) aférese: parece > (a)parece, (iii) síncope: pêssago > pê(s)go, (iv) apócope: ligitimo > ligite, (v) prótese: lembrar > (a)lembra, (vi) epêntese: Inglaterra > inga(la)terra entre outros.

Contudo, Câmara Junior (1955) e Castro (2000) ao analisarem os aspectos linguísticos da obra de Amaral, concordaram sobre a ausência das normas específicas para transcrição de dados fonéticos. Câmara Jr. menciona, a falta de adotar um alfabeto fonético para transcrever, por exemplo, o uso de *x* e *ch* os quais prendem-se à norma ortográfica comum quando da existência da africada /tx/ no dialeto exigia um critério de registro fonético. Mas ao mesmo tempo o elogia referindo-se aos dados ortográficos com que registrou a pronúncia os quais correspondem à distinção fonética como parecem insinuar as formas *chará* e *xará*. (CÂMARA JR., 1955).

No capítulo 2, sobre a Lexicologia, Amaral trata da formação do vocabulário do dialeto caipira, identificando o português do século XIX usado pelo primitivo colonizador como por exemplo *aéreo para perplexo*. Amaral observa que os elementos do português arcaico não se limitam ao léxico, “todo o dialeto está impregnado deles, desde a fonética até a sintaxe”. (AMARAL, 1920, p. 31).

Documenta o tupi falado pela população autóctone representado na toponímia local como nomes de rios, riachos, montes, bairros, fazendas, povoados e nas nomenclaturas de animais, vegetais, utensílios, alimentos, para citar alguns: *abacate*, *abacaxi*, *ipê*, *cambuquira*, *picumã*, *arapuca*, *jacá*, além das formações do próprio dialeto, no caso, para verbos: *abombar*, *fuçar*; para substantivos: *bobage*, *caipirada*; para adjetivos: *abobado*, *berneto* e palavras compostas: *dôr-d’-oi*.

O olhar dialetológico de Amadeu mostra ainda os vocábulos adquiridos por meio do contato linguístico que os paulistas mantiveram com os falantes do Rio Grande do Sul quando das relações do comércio dos animais no período do tropeirismo, como

*bagual* para o cavalo macho reprodutor e *matungo* para cavalo que já está velho, entre outros.

No capítulo 3, o autor paulista trata da morfologia, as observações se voltam para a reduplicação verbal corrente não só entre os falantes do dialeto caipira, mas em todo o Brasil, é o caso de *vinha pulá (r) – (vinha pulando)*, *ia caí (r) – (ia caindo)*, usada com a perífrase formada com o auxiliar *vir, ir, estar, andar* seguida de infinitivo e gerúndio de outro verbo.

Ainda, faz uma explicação sobre o uso dessa reduplicação como consequência do uso do gerúndio nas perífrases como (*anda cantando*) utilizado pelos autores quinhentistas e explica que os verbos assim combinados sofreram uma pequena evolução semantológica no sentido de intensificação do seu valor interativo, como por exemplo: em português *vinha a virar/ virá (r) > (a) vinha virando*. “A particularidade em questão é talvez genuíno legado dessa época de luta, no qual se reúnem modalidade mais frequente outrora, importada pelos primeiros povoadores, e aquela que depois veio a predominar” (AMARAL, 1920, p.49).

Além desses casos, o livro de Amadeu Amaral traz exemplos de outras formações morfológicas do dialeto como gênero, número, gradação, flexões verbais e suas particularidades. A sintaxe está no capítulo 4, porém devido ao pouco material coletado não representa uma sistematização mais ampla, tal qual os outros níveis estudados. Comenta que o sujeito determinado é expresso por substantivo e que o artigo não o acompanha, como por exemplo: *Cavalo tava rinchando*. Sobre o pronome relata que esse é empregado como objeto direto, a saber: *Peguei ele*. Por fim, o capítulo 5 traz um glossário que registra vocábulos em uso entre os roceiros, ou os caipiras, cuja linguagem difere bastante da gente da cidade, como por exemplo: *Abancá(r)*, *Aberto Dos Peitos*, entre outros.

Como fica claro nas descrições minuciosas sobre o dialeto caipira, Amadeu Amaral pode ser pensado como um linguista *folk* que realiza práticas descritivas do português falado. No *continuum* proposto por Paveau (2018) há um lugar para o linguista profissional que fornece descrições linguísticas. Embora Amaral não tenha tido uma formação acadêmica específica, não por que não o quisesse, mas por que no “Brasil, só a partir de 1960 a linguística foi introduzida oficialmente como disciplina nos currículos dos cursos de Letras” (BORNEMANN; COX, 2019, p. 4274), a pesquisa que realizou não o mostra menos linguista e sim um linguista *folk* que fez descrições linguísticas com maestria.

## Considerações finais

Amadeu Amaral, não teve Diploma no universo das Letras nem tampouco os aparatos utilizados para pesquisas científicas linguísticas, sobretudo as que lidavam como aspectos fonéticos-fonológicos das línguas. Portanto, ao escrever a obra *O Dialecto Caipira* (1920) não o faz no sentido linguístico *stricto sensu* e sim pelo viés dos estudos dialetológicos herdados, talvez, pelas conversas entre os amigos, os quais Câmara Junior (1955) menciona no *Prefácio* de sua obra, para citar alguns: Silvio Almeida, Antenor Nascentes, Otoniel Mota, Sousa da Silveira, José Oiticica, ou até mesmo pelo viés do senso comum, afinal Amaral era um autodidata e se debruçava sobre a descrição da língua como um linguista.

A pesquisa de Amaral contribuiu para a construção do cenário dialetológico brasileiro e seu acurado exame na descrição do dialeto caipira levanta discussões sobre a explicação de certos fatos ainda pouco elucidados da fonologia, da morfologia e da sintaxe histórica da língua. Além disso, “atentou-se para a língua popular brasileira fixando-lhe o aspecto dialetal em São Paulo”. (CÂMARA JR., 1955, p.143).

Embora as descrições sobre o dialeto caipira realizadas por Amadeu Amaral possam ser consideradas parciais, como no caso da morfologia e a sintaxe, o seu trabalho fornece descrições metalinguísticas da linguagem. Câmara Junior (1955, p. 143) salienta que como muitos poucos dos nossos homens das Letras “Amaral teve uma visão adequada do fenômeno social que é uma língua, e soube situar a língua popular e espontânea ao lado da literária e dos problemas estéticos e normativos, que para tantos outros constituem o único objeto digno de estudo”.

Quanto à Linguística popular que nos propomos em conhecer, entendemos que esta ciência reconhece e valoriza o saber linguístico produzido por agentes sociais comuns, sem um diploma na área, porém são produções de excelência como a de Amadeu Amaral. Por isso, devemos olhar para essa jovem teoria como aquela que traz inovação, e por ser nova causa incômodo e crítica, porém essa reação é importante porque faz com que a teoria avance.

Por fim, o estudo realizado nos proporcionou conhecer um pouco mais sobre a Linguística Popular além de identificar e reconhecer que, utilizando as palavras de Paveau (2018), Amaral fornece, com efeito, um exemplo de atividade linguística

empreendida por um não linguista que é um escritor evidentemente dotado de um saber linguístico, epilinguístico e plurilinguístico.

## Referências

ALTMAN, C. *O Dialeto Caipira de Amadeu Amaral: história, memória e resistência nos estudos da linguagem brasileiros*. 30-07-2020 Live. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8um0cX4y4RY&t=12471s>> Acesso em 07 nov. 2020.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Casa Editora: O Livro, 1920.

ARAUJO, L. M. B. M. de. Amadeu Amaral e a produção de um acontecimento discursivo. *Revista ABRALIN*, Vol.16, N.2, p. 297-311, abr. 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/52012>> Acesso em: 01 nov. 2020.

BAYLE, G. A.; PAVEAU, M. Linguística Popular: a linguística fora do templo: definição, geografia e dimensões. *Fórum Linguistic*. Vol..16, N. 4, p. 4257 – 4270, out.-dez. 2019. Disponível em: <<https://www.sciencegate.app/doi/abs/10.5007/1984-8412.2019v16n4p4257>> Acesso em: 20 nov. 2020.

BORBA, F. S. *Dicionário de usos do Português*. São Paulo: Ática, 2002.

BORNEMANN; N. B. O.; COX, M. I. P. Mário de Andrade: um (sócio) Linguista Folk. Vol. 16, N. 4, p. 4271-4284, out.-dez. 2019. *Fórum Linguistic*. Disponível em: <<https://www.sciencegate.app/doi/abs/10.5007/1984-8412.2019v16n4p4271>> Acesso em 17 nov. 2020.

CAMARA JR., J. M. Bibliografia. In: SCHADEN, E. *Revista de Antropologia*. São Paulo. Vol. 3, N. 2, p. 143 -145, 1995. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/110478>> Acesso em: 04 nov. 2020.

CARDOSO, S. A. M. da S. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. A. M. S. Dialetoлогия. In: MOLLICA, C.; FERRAREZI, J.C. (Org.). *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CASTELEIRO, J. M. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Academia das Ciências de Lisboa. 2001.

CASTRO, V. S. O Dialeto Caipira de Amadeu Amaral: história, memória e resistência nos estudos da linguagem brasileiros. São Carlos. Universidade de São Carlos. 30 jul. 2020. 1 vídeo (3h50min). [Live]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8um0cX4y4RY&t=12471s>> Acesso em 07 nov. 2020. Participação Roberto Leiser Baronas, Vandarsi Aguilera, Amanda Scherer e Isabela Grossi, Marcelo Rocha Barros Gonçalves, Tamires Cristina Bonani Conti.

CASTRO. V. S. Revisitando Amadeu Amaral. *Estudos Linguísticos*. V. XXXV, p. 1937-1944, 2006. Disponível: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/715.pdf>> Acesso em: mai. 2021.

HOUAISS. *Dicionário Conciso*. São Paulo: Moderna, 2011.

MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Melhoramentos. 2015. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: nov. 20 de 2020.

PAVEAU. M. Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares. *POLICROMIAS*. V.3, N.2, p. 21 - 45, dez. 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/21267>> Acesso em: 20 nov. 2020.

SCHNEIDERS, C. M. A língua do/no Brasil: efeitos da memória e da história. *GRAGOATÁ*. v. 22 n.42, já. abr. 2017. p. 329 - 44. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/issue/view/1764>> Acesso em: 17 nov. 2020.